

## O SISTEMA DE ENSINO E A REPRODUÇÃO SOCIAL DA CONDIÇÃO ÉTNICO-RACIAL

Romilson da Silva Sousa<sup>1</sup>  
Delcele Mascarenhas Queiroz<sup>2</sup>

**Resumo:** *O Sistema Educacional brasileiro herdeiro do sistema colonial europeu, criou um sistema de ensino em que a Cultura Educacional prossegue negando sobre em diversas estratégias de subalternização étnico-racial, outros saberes. Os mecanismos institucionais utilizados para a manutenção e reprodução desses privilégios civilizatórios têm na “Cultura Escolar” seu principal representante, que através de um sistema de ensino que garante um modelo de desenvolvimento intelectual, garante também a seleção dos herdeiros dos privilégios, que foram e são transmitidos como capital étnico-racial, fazendo com que ser educado seja de preferência parecer com o europeu e com seu modelo de desenvolvimento e de sociedade, já que este é o modelo ideal. O sistema de ensino então, através de seus mecanismos coloca em desvantagem os estudantes negros, que por questões sociais e étnico-raciais, não conseguem parecer possuidores dos atributos físicos, comportamentais e intelectuais da “Cultura Escolar” oficial, valorizada e exigida pelas instituições “autorizadas” que definem lugares e posições na estrutura social brasileira.*

**Palavras-chave:** Cultura Escolar; Reprodução Social; Negro

O presente artigo visa caracterizar a reprodução social na sociedade brasileira contemporânea, a qual dificulta o seu desenvolvimento cultural e social, que na modernidade colonial<sup>3</sup> criou periferias e fronteiras, através de discursos e representações<sup>4</sup> construiu estereótipos e fixou lugares e posições para os negros, fazendo com que a herança colonial se configure em uma herança de privilégios advindos de uma relação cultural colonial, que tinha como base de exclusão a “raça”.

### O CAPITAL ÉTNICO-RACIAL, CULTURA E REPRODUÇÃO SOCIAL

Ao construir o conceito de capital étnico-racial e discutir as desigualdades sociais no sistema educacional, pretendo refletir como os negros, independentemente da sua condição social, se mantêm com baixos índices de desenvolvimento educacional. Os estudos e dados estatísticos mostram que a questão socioeconômica não é o principal fator que leva a maioria das crianças negras a apresentarem baixo rendimento e evasão escolar, a realidade é que a diferença de tratamento dispensado a negros e brancos no Sistema Educacional Brasileiro, afetam diretamente o desenvolvimento educacional dos estudantes negros.

O projeto global moderno que subjugou étnica e racialmente povos, civilizações e culturas, foi construído com os sistemas coloniais na modernidade, subalternizando em especial a população negra. Através de uma estrutura cultural eurocêntrica que transformou diferenças em desigualdades, e que ao longo do processo histórico alimentou um sistema de privilégios raciais

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. [romilson@superig.com.br](mailto:romilson@superig.com.br).

<sup>2</sup> Orientadora, Professora do Mestrado em Educação da UNEB.

<sup>3</sup> Ver Mignolo (2003) – Histórias locais, projetos globais

<sup>4</sup> Ver Bhabha – Local da cultura

e sociais, que se constituíram enquanto um patrimônio simbólico que beneficia e privilegia apenas uma parte da população.

O sistema colonial brasileiro então, ao deixar como herança o racismo, criou uma sociedade de privilégios, baseada em critérios étnico-raciais<sup>5</sup>, fazendo com que a condição de vida seja mais fácil para uma parte da população branca em detrimento da população não branca, o que faz com que a estratificação, a reprodução social e o desenvolvimento da sociedade brasileira, adquiram um caráter racial. A situação de desenvolvimento social brasileira se configura então em uma condição que tem não apenas o caráter social e cultural, mas sobretudo racial.

Os valores civilizatórios de construção da sociedade moderna foram fundamentados na expansão colonial, e na dicotomia entre civilizado e primitivo, sendo a cultura na modernidade, a maneira de pensar e o jeito de viver e ler a vida, seguindo o modelo civilizado. Vale destacar que ao tomar a Europa como referente, e o resto como o outro, o processo civilizatório europeu colonial articulou a lógica do outro, como todo aquele que não sou eu, o referente a um sistema de discurso e de nomeação do outro. É ele quem nos reconhece e fala sobre nós, ele encarna a verdadeira cultura, a forma adequada de falar, escrever e pensar, o modelo de sociedade e o modelo de desenvolvimento. Ser civilizado, humano, é ser como o Outro, o colonizado será tanto mais aceito pelo Outro, quanto mais próximo do Outro ele for, quanto mais do Outro ele incorporar, QUANTO MAIS O OUTRO ELE PARECER, o que faz do sujeito negro em um mundo de identificações brancas, desenvolva sintomas psíquicos relacionados com a brancura (FANON; 1983).

Desta forma, a raça como atributo histórico, cultural, político e socialmente elaborado, é analisada como um critério eficaz dentre os mecanismos que regulam o preenchimento de lugares e posições na estrutura e no sistema de estratificação social, distribuindo diferentemente recompensas e privilégios. (HASENBALG, 1979; p.88)

Como podemos ver a partir do discurso colonial, o discurso civilizador também no Brasil colônia era apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial, de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e saber. O discurso colonial depende do estereótipo para construir ideologicamente o conceito da alteridade, logo, o estereótipo é a principal estratégia discursiva, é a forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre no lugar, já conhecido e algo que deve ser ansiosamente repetido. (BHABHA; 2003; pp. 105-107)

Ao atribuir o seu desenvolvimento educacional e a esperança de ascensão social estritamente dimensionada pela sua progressão na vida escolar, e operando uma seleção que – sob as aparências da equidade formal – sanciona, consagra e naturaliza as diferenças históricas em desigualdades simbólicas, a cultura escolar define os referenciais e estrutura os modelos de sociedade. Ela transforma as desigualdades históricas em desigualdades de mérito, as diferenças em “distinção de qualidade”, e legitima a transmissão da herança cultural colonial, em padrão simbólico de referência. Além de permitir a um grupo étnico-racial de justificar de ser o que é, atribuindo a um determinado capital cultural (euroamericano) valor de universal.

É então, provavelmente pelo efeito de uma estratégia reprodutiva, dissimulada do arbítrio de um determinado capital cultural, que continuamos tomando a cultura escolar formal como único elemento de valor social, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ela é um dos

---

<sup>5</sup> É a partir do entendimento da raça como uma construção social referida ao significado conferido pelas pessoas aos atributos físicos como demarcadores dos indivíduos e grupos no mundo social, que essa noção será adotada nesta análise. (Queiroz)

fatores mais eficazes de reprodução de privilégios, através da utilização do modelo colonizador, como referente social, étnico e racial, ainda na contemporaneidade, em todo o sistema de ensino.

Cultura<sup>6</sup> então é melhor vista não como um complexo de padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos - como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções para governar e ordenar o comportamento. Nossas idéias, nossos valores, nossos atos, até mesmo nossas emoções são produtos culturais, na verdade produzidos a partir de pedagogias que nos educam ao nascer e as disposições com as quais nos relacionamos com o sistema escolar.

...estou convencido de que refere-se a uma problemática importante não coberta por outros conceitos em ciências sociais. A idéia de que existe uma produção simbólica e um sistema de símbolos que dão as indicações e contornos de grupos sociais e sociedades específicas parece-me que pode ser bastante reveladora e eficaz... Não mais um repositório estático de hábitos e costumes, ou uma coleção de objetos e tradições, mas o próprio elemento através do qual a vida social se processa – a simbolização.” (VELHO; 1999, p.105)

A formação social brasileira é por nós entendida como sistema de relações de força e de formação de sentido, que se originou de um determinado grupo étnico-racial que detinha em sua esmagadora maioria, um lugar nas relações de produção, que por sua vez determinava toda uma superestrutura, onde o sistema educacional, a serviço deste grupo se impunha aos demais. Logo, este grupo étnico-racial, além de possuir os valores econômicos, tinha o poder de produzir valores simbólicos. Assim, a estrutura social brasileira, o desenvolvimento social, econômico e cultural tem na história das relações raciais, os fundamentos de seu desenvolvimento

Por outro lado Hasenbalg traz que a teoria colonial rompe com os quadros conceituais pré-existentes enraizados nas relações opressor-oprimido, colonizador-colonizado. O caráter assumido pelas relações raciais nos Estados Unidos precipitou a penetração da teoria colonial em resposta à falência das teorias convencionais sobre relações raciais. Segundo Hasenbalg, essas teorias atacam diretamente a tendenciosidade assimilacionista das teorias acadêmicas e a redução marxista convencional da dinâmica inter-racial, a força de classe e exploração de classe. Para o autor, ao analisar os Estados Unidos, existiu uma colônia interna, baseada na presença de um conjunto específico de circunstâncias que todas as colônias parecem ter em comum, isto é: Uma entrada forçada na sociedade mais ampla ou domínio metropolitano, a sujeição às várias formas de trabalho não-livre, a política do colonizador que limita, transforma ou destrói valores, orientações e modos de vida originais, e por último o racismo, empregado como princípio de dominação social, controle e opressão. Nesse sentido, para o autor a novidade da teoria colonial consiste em que ela dirige a atenção para os ganhos cumulativos, econômicos e não-econômicos dos brancos, advindos da dominação racial. Assim, a preeminência atribuída aos aspectos culturais e políticos do racismo levou a uma redefinição do campo teórico das relações raciais. O privilégio racial do branco distingue a opressão racial da exploração de classe e cria os nexos raciais para as práticas racistas. Então a presença de privilégios indica que através de processos econômicos, culturais, políticos e psicológicos, os brancos puderam progredir à custa e por causa da presença de negros. (HASENBALG; pp.110)

As relações entre raça, classe e cultura com o objetivo de construção de uma proposta de conceito de capital étnico-racial, em explícita apropriação do conceito de capital cultural de Bourdieu, identificando seu caráter simbólico, pois como ele afirma: uma das dimensões do

---

<sup>6</sup> GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

capital simbólico é a identidade étnica que, junto com o nome, a cor da pele, é um ente percebido, que funciona como capital simbólico positivo ou negativo“ (BOURDIEU; 2005, p.173) e as abordagens de privilégio racial, presente no caráter econômico, psicológico, cultural e ideológico, patrimonial e legal abordados por Hasenbalg. Ao buscarmos identificar os aspectos da reprodução social das relações étnico-raciais no sistema educacional brasileiro procuramos caracterizar os aspectos sobre o tema, que poderiam nos ajudar a perceber a Violência Simbólica da Discriminação e subordinação étnico-racial, e suas dissimulações<sup>7</sup> sociais, representadas no caso brasileiro pelo mito da democracia racial.

Em suma, o conceito de privilégio racial sugere que além da exploração econômica, o grupo dominante branco extrai uma certa “mais-valia” psicológica, cultural e ideológica do colonizado... É precisamente essa situação que Blauner chama privilégio racial ou desvantagem desleal, situação preferencial ou um sistemático sair à frente na corrida pelos valores sociais. A noção de privilégio racial pode ser relacionada ao conceito de Stinchcombe de posse (tenure) definido como um direito socialmente defensável a um fluxo de recompensas que não depende do desempenho competitivo. Nascer branco numa sociedade multirracial constitui uma espécie de posse. Evidentemente, até que ponto uma pele clara pode ser uma posse, variando com a percentagem de não-brancos na população total, a intensidade do racismo e a existência de leis raciais impostas pelo estado. Mais uma vez, o caso típico é a África do Sul, pois nascer branco sobre o Apartheid constitui indubitavelmente uma posse, típica das democracias Herrenvolk, ao passo que nascer negro tem representado, até agora, um ônus duradouro “(HASENBALG; 1979, p.111 E 116)

Quando analisamos detalhadamente e com cautela os estudos de Queiroz(2005), podemos perceber que a própria autora, em seus estudos já identificavam que apesar das diferenças não serem significativas em termos de notas para os alunos que entram, percebemos que mesmo entre alunos das escolas privadas, os alunos negros tiveram uma menor classificação, o que nos leva a refletir sobre a exclusividade da análise explicativa das desigualdades no acesso, apenas nas questões socioeconômicas.

Segundo Queiroz (2000), nas carreiras de todos os níveis de prestígio, os *claros* têm médias de ingresso mais elevadas numa maior proporção que os *escuros*. Assim, eles obtêm maiores médias em mais de quatro quintos das carreiras de *alto* prestígio; sete décimos nas carreiras de *médio alto* prestígio; quatro quintos das carreiras de *médio* prestígio; na totalidade das carreiras de *médio baixo* prestígio e em mais de quatro quintos das carreiras de *baixo* prestígio. Ao contrário, quando se trata do rendimento no curso, eles têm maior proporção de médias mais elevadas apenas nas carreiras de alto prestígio. Nas carreiras dos demais níveis, a maior proporção de médias mais elevadas é dos *escuros*. Isso mostra que é pelas carreiras de *alto* prestígio que se trava a disputa mais acirrada entre os segmentos raciais, porque são essas que vão conferir maiores vantagens, tanto no mercado de trabalho quanto como elemento de distinção social.

Neste sentido, alguns estudos realizados apontam o professor como um relevante elemento influenciador do desenvolvimento e desempenho escolar. Estes também mostram que

---

<sup>7</sup> Segundo Bourdieu (Razões Práticas - sobre a teoria da ação pg. 108) A dominação simbólica apóia-se no desconhecimento, portanto, no reconhecimento, dos princípios em nome dos quais ela se exerce. Para vinculá-lo, é preciso encantar a relação de dominação e de exploração, de modo a transformá-la em relação doméstica de familiaridade, através de uma série contínua de atos adequados a transfigurá-la simbolicamente, eufemizando-a.

ambiente escolar está impregnado de um preconceito social, mas sobretudo de um racismo difuso, silencioso, fundamentado na cristalização das imagens negativas presentes no imaginário social, afetando especialmente o desempenho escolar dos alunos negros. Cavaleiro (2003); Oliveira (1994) entre outras. Para Bourdieu, em seu texto sobre as categorias do Juízo Professoral, esse “juízo professoral” não se reflete apenas na observação de aspectos fenotípicos, mas em todo um conjunto de características, às quais são atribuídas qualidades intelectuais inclusive morais.

Não há dúvida de que os julgamentos que pretendem aplicar-se à pessoa em seu todo levam em conta não somente a aparência física propriamente dita que é sempre socialmente marcada (através de índices como corpulência, **COR**<sup>8</sup>, forma do rosto), mas também, o corpo socialmente tratado (com a roupa, os adereços, a cosmética e principalmente as maneiras e a conduta) que é percebido através das taxinomias socialmente constituídas, portanto lidas como sinal da qualidade e do valor da pessoa (BOURDIEU; 1979; p. 187)

A atividade pedagógica na escola brasileira cujo poder arbitrário de impor um valor cultural, e de uma produção simbólica, repousa em última análise sobre as relações de força constitutivas da formação social, que ela se originou e em que ela se exerce reproduzindo o domínio cultural que ela tenta inculcar, através do sistema de ensino, porém não sem resistências e negociações. Logo, a função de inculcar nos estudantes o arbitrário étnico-racial que ele foi chamado a reproduzir, mede-se pelo grau em que o habitus<sup>9</sup> desse grupo foi incorporado ao longo de sua trajetória de vida.

Considerando-se que a didática é por conseguinte tanto mais eficaz quando, levando em conta o grau de herança cultural da qual os estudantes são proprietários, ela conseguir produzir mais completamente as condições de aprendizagem pela organização metódica de exercícios, técnicas e estratégias que visam assegurar a assimilação acelerada do habitus. Ela também corrobora, com a função de inculcação de um arbítrio cultural.

A cultura pedagógica tende então a simplificar, rotular e classificar dois tipos de estudantes: estudantes comprometidos com o sistema de ensino e sua cultura escolar e acadêmica, que tem no “ bom” desempenho escolar sua principal característica; e por outro lado, estudantes descomprometidos, com a vida escolar e conseqüentemente que tem no baixo desempenho, na evasão e repetência, a principal característica do fracasso escolar, reproduzindo assim, um olhar construído historicamente em uma conjuntura culturalmente hegemônica, que privilegiava determinados aspectos que favorecem alguns e colocam outros em desvantagens.

O processo de desenvolvimento do capitalismo no século XIX deu início a um pensar da existência e do mundo voltada para a acumulação em todas as suas dimensões: conhecimento, dinheiro, cultura, etc., reduzindo a vida a uma racionalidade de produção e patrimônio. Com o início do século XX a concepção do *Self Made Man*<sup>10</sup>, princípio fundante de um olhar reducionista e narcísico para uma educação voltada para o trabalho, ajudou a formar uma concepção terapêutica da dinâmica civilizatória patrocinada pelo estado.

“O Estado erige, em relação ao seu funcionamento, organização e estabilidade, valores que constituirão padrões de comportamento aceitos pela Razão de

---

<sup>8</sup> Destaque feito na transcrição

<sup>9</sup> Ver Bourdieu

<sup>10</sup> Ver Narcimária Luz – “Opa Aie Orun: urge uma ética do futuro para a educação contemporânea” Sementes: Cadernos de pesquisa, Salvador, v3 n5/6 jan/dez 2002

Estado, e aqueles que não aceitam esses padrões são considerados divergentes, desviantes, selvagens, primitivos. Merece ser frisado que o Estado assume o papel terapêutico ante a diversidade étnico-cultural e, através da operacionalização de ideologias recalcadoras e de denegação cultural, procura afirmar um modelo universal de cultura ancorado na civilização euro-americana. ( LUZ; 2002, p.80)

Vale lembrar, que é aí que segundo LUZ ( ), temos o início da utilização do termo currículo, “coincidentalmente” no início do século XX no centro da Indústria automobilística nos Estados Unidos. E não menos coincidência, sofrendo forte influência do Fordismo, onde a regra é a otimização do trabalho, da produtividade e da produção, recalcando outras formas de existir e criando uma organização asséptica, estéril a existência, principalmente quando comparada com a fertilidade do existir nas diversas concepções da vida no meio tradicional africano pré-colonial<sup>11</sup>. Porém, no âmago dessa dinâmica histórica da terapêutica do Estado, esses contínuos civilizatórios se apoderam de estratégias fundadas em ideologias genocidas, recalcadoras e de denegação cultural e identitária, que procuram submeter ao paradigma da “modernidade” ocidental, todo o mundo tido com “primitivo e selvagem.”

Nesse currículo, labirinto ideológico, histórico e cultural, há um sistema de crenças, práticas e conceitos que se interpenetram, se articulam e se combinam, constituindo dessa forma convicções éticas e conteúdo, lógicas e visões de mundo. Assim, nesse modelo encontramos manuais, estatutos, livros sagrados, leis, contratos, decretos, regimentos, tratados, enfim, todos os aparatos necessários para a “cura”, o “tratamento”, “a instrução”, a “educação”, a “conversão” dos “incapazes” e “inferiores culturalmente”. Dando sustentação a uma ideologia de um Estado Terapêutico, que por sua vez, ao adotar a “disciplina”, estabelece cânones teóricos. ( LUZ )

Os princípios dessa pedagogia curricular, recalcadora da pluralidade cultural e dos diversos processos civilizatórios, tende então a reforçar aspectos de uma lógica pautada no patrimônio, referência equivocada de prosperidade, sucesso, felicidade, modernidade e produtividade, desenvolvimento e até cidadania.

A lógica da posse é fundante na extensão do capitalismo e no sistema de ensino. “Educar”, ou formatar para “vencer”, o sistema de ensino então, é colocado na perspectiva da competitividade e do mérito, que estimula e reforça hierarquias patrimoniais e imprime a lógica civilizatória. Consolida a cultura do homem “vitorioso e de sucesso”, que aprende a lidar com os códigos do mundo urbano-industrial necessários à carreira profissional e à ocupação de lugares e posições na estrutura social, à acumulação de bens, do ter em detrimento do ser, da ruptura com valores que primam pelas diversas elaborações e possibilidade do existir.

O índio Marcos Terena<sup>12</sup>, ao falar da relação com o homem branco e a prepotência na imposição à sua forma de existir, afirma com determinação e convicção: “Eu posso ser o que você é sem deixar de ser quem sou”. É importante aqui destacar que ao falar “eu posso ser o que você é”, o sábio índio utiliza o que, e não quem, nos levando a inferir e a pensar na identidade do quem eu sou, como fundante e fundamental de uma *arkhe*<sup>13</sup>, *Ethos e de um*

---

<sup>11</sup> Ver *Indivíduos e Organizações – Volume III – O trabalho no meio tradicional africano*

<sup>12</sup> Ver texto de Narcimária

<sup>13</sup> Ver conceito desenvolvido por professora Narcimaria Luz, que traz a importância da episteme cultural.

“Trata-se de noções interdependentes, complementares, interpenetráveis, pois ambos possibilitam a constituição de identidades coletivas, dando-lhes suporte para a comunidade dos valores culturais. Ratificando: *ethos* constitui a linguagem grupal enunciada; as formas de comunicação, os comportamentos, a visão de mundo, os discursos significantes manifestos, o modo de vida e a configuração estética. Os *eidós* se referem às formas de

*Eidos* civilizatórios, que é de uma outra ordem, de uma outra lógica existencial, um outro pensamento, com outras formas de lidar com o aprendizado e o conhecimento.

Nossa cultura educacional, deve então aprender com as civilizações africanas e indígenas, a fim de poder compreender a cultura do conhecimento e as formas de se relacionar com o saber de outros povos que compõem nossa herança cultural, para poder pensar uma pedagogia para a pluralidade cultural que contemple o pensar, se relacionar e viver o processo de educação para a vida, possibilitando uma coexistência com outras epistemes culturais, garantindo nossa diversidade e singularidades no processo educacional.

Em síntese, Bourdieu desenvolve três argumentos básicos relativos ao papel dos sistemas simbólicos ou culturais na produção e reprodução das estruturas sociais. Antes de tudo, eles seriam formas de percepção e representação da realidade. Os indivíduos criariam, sustentariam e defenderiam seus sistemas simbólicos no âmbito da sociedade em geral ou no interior de um campo específico. Como resultado da disputa e da dominação entre os representantes de diferentes produções simbólicas, estabelecer-se-iam hierarquias culturais. Certas produções seriam consideradas superiores e outras inferiores. Os indivíduos capazes de produzir ou, pelo menos, de identificar, apreciar e usufruir as produções consideradas superiores ganhariam maior prestígio e poder na sociedade em geral ou no campo específico de produção simbólica em questão. (NOGUEIRA & NOGUEIRA; 2004, p.47)

Bowen e Bok (2004; p.136-137) observaram que os estudantes negros que mais se sentiam à vontade, em qualquer faculdade freqüentada, também tendiam a ser os de maior sucesso acadêmico. Embora o cuidado com que foram escolhidos esses participantes certamente ajude a explicar seu sucesso acadêmico, os participantes também enfatizaram a importância de alguns elementos especiais do programa, destinados a dar apoio acadêmico e aumentar a sensação de estar “em casa” em instituições altamente competitivas. Entretanto o desempenho acadêmico de vários estudantes negros pareceu claramente afetado por dificuldades da adaptação a novos ambientes.

Como podemos observar, os sentimentos de insegurança interferem muito no desempenho do estudante, que não tendo apoio e incentivo para desenvolver suas aptidões na universidade, tem o seu desempenho afetado pelo sentimento de acolhimento da instituição.

Uma das grandes razões que talvez possa explicar por que os estudantes negros se saem mal no sistema educacional brasileiro, é que eles vivenciam uma ambivalência e uma dissonância afetiva desproporcionais no tocante ao esforço e sucesso acadêmicos. Esses comportamentos surgem, em parte, porque em conseqüência da falsa democracia racial brasileira, os estudantes negros passaram a acreditar que seus conceitos na sociedade eram em função de sua incapacidade ou despreparo escolar, e não do racismo. Essa atitude pode ter feito com que estudantes negros, altamente capazes, comesçassem a duvidar de sua própria capacidade intelectual e comesçassem a definir o seu comportamento, dentro dos padrões aceitos pela sociedade racista.

---

elaboração e realização da linguagem, aos modos de sentir e introjetar valores e linguagens, ao conhecimento vivido e concebido, à emoção e à afetividade.”

## CONCLUSÃO

Sendo assim, a transmutação da verdade racial em verdade escolar, não é um simples jogo de transferência de conceitos, mas uma reprodução que se materializa através dos diversos mecanismos sobre a influência deste capital étnico-racial, tendo sua eficácia simbólica, seu poder de agir duravelmente sobre as práticas educacionais e pedagógicas.

É por referência à estrutura das trajetórias possíveis, levadas em conta às condições de competição e de ser positivamente avaliada, que as condições socioculturais produzem as taxionomias escolares, que não são puramente “imparciais” e “neutras”, mas escondem uma estrutura de relações raciais complexas, onde estudante e professores são os atores.

Assim outros elementos se apresentam importantes para a sustentabilidade de uma educação, inserida em um projeto de globalização econômica e mundialização de relações políticas e territoriais, utilizando como estratégias de subordinação cultural, o rompimento de fronteiras acadêmicas e competitividades no campo da ciência e tecnologia, como modelo de desenvolvimento. Isso implica na busca pela descolonização do modelo de desenvolvimento, da construção da equidade, integralidade, eficácia e efetividade da oferta de um ensino para a reflexão crítica, para a emancipação e autonomia, na proposição de um desenvolvimento cultural com sustentabilidade social.

Tornam-se também importantes os processos formativos não-escolares relevantes em contextos sociais locais, enquanto requisito fundamental para a implantação de um projeto de educação descolonizador e afirmativo de identidades locais, da memória e do desenvolvimento de grupos sociais e étnico-raciais e comunidades.

Ao pensar a sustentabilidade social interna do sistema educacional devemos questionar o seu papel reprodutivista, mas compreender a necessidade de trabalhar com conceitos como produtividade e qualificação, em uma dinâmica da pluralidade cultural na educação. Entretanto, precisamos considerar a sustentabilidade externa, que se configura na articulação entre educação e processo social, o que se realiza através da aquisição crítica dos conhecimentos básicos da cultura letrada e dos conhecimentos, saberes, competências e habilidades, que os preparam para o domínio crítico de seu território e sua inserção na sociedade.

O estudo sobre o desempenho e a seletividade do sistema educacional público, formal, deve ser acompanhado pela análise de outras formas de educar-se de que lançaram mão as populações desprestigiadas no sistema educacional; devemos observar também os processos educativos mais amplos, considerando outros espaços como terreiros, comunidades e suas experiências e saberes do vivido tal como concebido e do concebido tal como vivido, entremeado de formas e construções de aprendizagem e desenvolvimento pessoal e profissional de bases epistemológicas não presentes nos cânones da ciência moderna. Vinculados a projetos civilizatórios diversos, que contemplam o amplo espectro cultural de que é formada a população da Bahia.

O estudo da diversidade regional, importante para o desenvolvimento local, está presente nas formas de organização da cultura e do saber, para dar conta da vida nos diversos espaços e ambientes, a luta por deixar emergir ou, ainda, para dar visibilidade a vozes e formas de expressão silenciadas ou negadas no cenário global, mas que devem ser consideradas no desenvolvimento regional, é fundamental.

Considerando e preocupados com uma gestão social do ambiente e da cultura, devemos procurar as relações entre memória, identidade, cultura e a formação de cidadãos gestores preocupados com a participação e o controle social, em uma sociedade pluri-étnica e racial.

## REFERÊNCIAS

- BOWEN, William.G. BOK, - **O Curso do Rio – Um estudo sobre a ação afirmativa no acesso à universidade**, Rio de Janeiro, Editora Garamond, Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2004
- BHABHA, Homi, K. **O Local da Cultura**. *Belo Horizonte*, Editora UFMG, 2003
- BOURDIEU, Pierre, **O Poder Simbólico**, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2004  
\_\_\_\_\_, **Razões Práticas, Sobre a teoria da ação**, Tradução Mariza Correa, Campinas, SP, PAPIRUS, 1996
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude - **A Reprodução - Elementos para uma teoria do sistema de ensino**, Tradução Reynaldo Bairão, Rio de Janeiro, RJ, Livraria Francisco Alves Editora S/A 1992
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro, Editora Fator, 1983
- HASENBALG, Carlos Alfredo - **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**, Rio de Janeiro: GRAAL, 1979
- LUZ, N, C. P ABEBE: **A criação de novos valores na educação**. Salvador: SEC/SECNEB, 1996.
- LUZ, N C (ORG) **Pluralidade cultural e educação**. Salvador SEC/SECNEB, 2000.
- MIGNOLO, Walter, D. **Histórias Locais / Projetos Globais, Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003
- NOGUEIRA, Maria Alice. (Org) - **Família & Escola - Trajetória de escolarização em camadas médias e populares**, Petrópolis, RJ; Vozes, 2000
- QUEIROZ, Delcele Mascarenhas - **Universidade e Desigualdade- Brancos e negros no ensino superior**, Brasília, Liber Livro, 2004
- \_\_\_\_\_, **Ensino Superior no Brasil e Ações Afirmativas para Negros** - Universidade e Sociedade (29) março de 2003, pp 57- 60
- SILVA, Ana Célia - **O Estereótipo e o Preconceito em Relação ao Negro no Livro de Comunicação e Expressão de 1º grau, Nível 1**, Salvador UFBA, 1988. (Dissertação de mestrado)
- SILVA, Nelson do Valle; HASENBALG, Carlos Alfredo, (Orgs) - **Relações Raciais no Brasil Contemporâneo**, Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora LTDA, 1992

